

DISCIPLINA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO E CIENTÍFICO NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Clarice Fortkamp Caldin

Prof. Departamento de Ciência da Informação- UFSC
claricefaldin@hotmail.com

Resumo: A disciplina CIN7106 – Evolução do Pensamento Filosófico e Científico faz parte da matriz curricular do Curso de graduação em Arquivologia da Universidade Federal de Santa Catarina. É ofertada, como disciplina obrigatória, aos alunos matriculados na primeira fase do Curso. Trata das principais formas históricas do discurso filosófico e científico no mundo ocidental, bem como seus formuladores. Parte da filosofia Clássica perpassa a Medieval, abarca a Moderna e conclui com a Filosofia Contemporânea. Estimula o acadêmico ao debate e à reflexão acerca dos fundamentos filosóficos e científicos aplicáveis às práticas profissionais do arquivista.

Palavras-chave: Pensamento Filosófico Ocidental. Pensamento Científico Ocidental. Arquivologia-Ensino.



1 INTRODUÇÃO

A disciplina CIN 7106 – Evolução do Pensamento Filosófico e Científico é ofertada na primeira fase do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal de Santa Catarina, com carga horária de 72 horas/aula semestrais e 4 horas/aula semanais.

O objetivo geral é que “ao final da disciplina o aluno deve conhecer aspectos relevantes do desenvolvimento do discurso filosófico e do discurso científico no Ocidente” e “também deve ter formado habilidades específicas para lidar com os conhecimentos filosóficos e científicos como recurso para compreender a sociedade e nela inserir-se.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2011, p. 1).

Contempla como conteúdo programático: filosofia; principais questões, ideias e seus formuladores na produção da filosofia; ciência; as formas da pesquisa filosófica e as modalidades de comunicação do conhecimento filosófico; as formas da pesquisa filosófica e as modalidades de comunicação do conhecimento científico.

Tal disciplina é ministrada por meio de aulas expositivo-dialogadas, leitura, análise e fichamento de textos filosóficos e científicos, debates sobre os temas abordados, exercícios, individuais e em grupo, duas provas ao longo do semestre e seminários.

Cumpra lembrar que os seminários, nessa disciplina, funcionam como um espaço para o exercício de criatividade, como estímulo em transformar conteúdos filosóficos e científicos densos em atividades lúdicas e prazerosas.

Assim, os alunos valem-se da dramatização para encenar peças em que atuam como filósofos e cientistas, organizam seções de entrevistas com os supostos filósofos e cientistas, elaboram vídeos divertidos e brincadeiras estimulantes sobre o objeto de estudo.

Ao final da disciplina apresentam um trabalho final escrito sobre qualquer um dos tópicos do conteúdo analisado e debatido ao longo do semestre, de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

2 PROVOCAÇÕES FILOSÓFICAS

Na primeira aula do semestre, após a apresentação do plano de ensino, em que constam ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia, avaliação, cronograma e bibliografia, a professora que ministra essa disciplina desde 2012, instiga os alunos à reflexão por meio de determinados questionamentos.

Assim, é perguntado à turma: O que é evolução? O que é pensamento? O que é filosofia? O que é ciência?

Um tanto apreensivos, alguns esboçam respostas tímidas. À medida que vão sendo estimulados, outros se encorajam e formulam argumentos mais consistentes. Abre-se o debate, que

vai crescendo de intensidade, até chegar-se a um impasse: existe, de fato, uma resposta única? Aquela que responda adequadamente à pergunta? Que não pode ser questionada?

Tem-se, então, o primeiro vislumbre da disciplina: o pensamento filosófico e científico é elaborado e desenvolvido ao longo da história humana; sofre processo de contínuo aperfeiçoamento; passa por críticas constantes de seus pares; adota, assimila, desconstrói e rearranja conceitos, ideias e experimentos.

Mesmo assim é necessário, para fins didáticos, que certos vocábulos expressem, sem demasiada dubiedade, a ideia geral, que, conquanto não seja consensual, conduza ao entendimento do assunto tratado.

Evolução, de acordo com Abbagnano (2003, p. 392-393, grifo do autor) “ainda conserva o sentido genérico de *desenvolvimento*”, muito embora seja “usada para designar uma doutrina particular”: a teoria da evolução, que advoga a “teoria biológica da transformação das espécies vivas umas nas outras” e a “teoria metafísica do desenvolvimento progressivo do universo em sua totalidade.”

A primeira, defendida por Darwin (1859), prega o transformismo biológico e a segunda, defendida por Spencer (1857) abriga a ideia de progresso em todos os aspectos da realidade.

Nessa disciplina, *Evolução* é considerada no sentido genérico, admitida como desenvolvimento, transformação, mutabilidade, processo, movimento, avanço. Isso implica dizer: a filosofia e a ciência não são estanques, estão sempre efetuando um novo arranjo, passando de uma para outra posição, sofrem alterações e modificações de ideias e teorias. É a inesgotabilidade, a retomada e a continuidade da filosofia e da ciência que garantem sua perpetuação.

Pensamento, segundo Abbagnano (2003) pode ser definido como: a) qualquer atividade mental ou espiritual; b) atividade do intelecto ou da razão em oposição aos sentidos e à vontade; d) atividade discursiva; e) atividade intuitiva.

Chauí (2003) pesquisou em vários dicionários o significado de pensamento e listou:

- 1) o ato de refletir, meditar ou pensar;
- 2) atividade de conhecimento;
- 3) consciência, mente, espírito, entendimento, intelecto, razão;
- 4) poder de formular conceitos;
- 5) faculdade de pensar logicamente;
- 6) ideia, opinião, juízo;
- 7) fantasia, sonho, devaneio, lembrança, expectativa.

Explicita que a origem dos termos pensamento e pensar é o verbo latino *pendere*, que significa “ficar em suspenso, estar ou ficar pendente [...] pesar, examinar, avaliar, ponderar, compensar [...]” (CHAUÍ, 2003, p. 158, grifo da autora). Assim, pensamento exige atenção e cuidado, capacidade de análise e síntese.

Filosofia, significa, essencialmente, amor ao conhecimento ou à sabedoria. Segundo Blackburn (1997, p. 149) filosofia é “o estudo das características mais gerais e abstratas do mundo, e das categorias com que pensamos: mente, matéria, razão, demonstração, verdade, etc.” E continua: “Em Filosofia, são os próprios conceitos através dos quais compreendemos o mundo que se tornam objeto de investigação.” (BLAKBURN, 1997, p. 149).

Pode-se dizer, então, que filosofar é o processo de busca às respostas às indagações humanas, no qual a pergunta certa é mais importante do que a resposta certa e que Filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos.

Para Sócrates, a filosofia começa com a busca do conhecimento, com a constatação de que nada sabemos. Platão dizia que a filosofia começa com a admiração; Aristóteles dizia que começa com o espanto.

Em outras palavras: ficamos admirados ou espantados de ver as coisas de forma diferente da costumeira. Isso é possível quando o desejo de saber sobrepõe nossas certezas, quando

cedemos lugar a um novo olhar para a realidade natural (o mundo das coisas) e para a realidade histórico-social (o mundo dos homens).

E, é bom ressaltar, a filosofia é útil para a ciência, pois esta última lida com “Verdade, pensamento racional, procedimentos especiais para conhecer fatos, aplicação prática de conhecimentos teóricos, correção e acúmulo de saberes” e “*esses objetivos e propósitos das ciências não são científicos, são filosóficos e dependem de questões filosóficas.*” (CHAUI, 2003, p. 19, grifo da autora).

Tal citação conduz ao conceito de *Ciência*, que, segundo Abbagnano (2003, p.136) é: “conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, uma garantia da própria validade.” Modernamente, a ciência não tem pretensões de absoluto. É tida como um conhecimento demonstrativo, descritivo, autocorretivo. Lembra Chauí (2003, p. 19, grifo da autora):

As ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros, obtidos graças a procedimentos rigorosos de pensamento; pretendem agir sobre a realidade, por meio de instrumentos e objetos técnicos; pretendem fazer progressos nos conhecimentos, corrigindo-os e aumentando-os. Ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas admitem a existência da verdade, a necessidade de procedimentos corretos para bem usar o pensamento, o estabelecimento da tecnologia como aplicação prática de teorias, e, sobretudo, que elas confiam na racionalidade dos conhecimentos, isto é, que são válidos não só porque explicam os fatos, mas também porque podem ser corrigidos e aperfeiçoados. Verdade, pensamento racional, procedimentos especiais para conhecer fatos, aplicação prática de conhecimentos teóricos, correção e acúmulo de saberes: *esses objetivos e propósitos das ciências não são científicos, são filosóficos e dependem de questões filosóficas.* O cientista parte delas como questões já respondidas, mas é a Filosofia quem as formula e busca respostas para elas.

Dessa forma, a evolução do pensamento científico acompanha a evolução do pensamento filosófico – ambos se inserem no contexto histórico.

O arquivista, como partícipe do mundo dos homens, há que partilhar, também, do mundo das coisas. Somente assim cumprirá seu papel social de criticar e refletir sobre os diversos aspectos da realidade.

3 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Ao longo do semestre os acadêmicos têm uma ideia do ambiente sócio-cultural e histórico do surgimento da filosofia no mundo ocidental. Para tanto, é apresentada a Grécia Homérica (1150 -800 a. C.), com a sociedade pautada no clã patriarcal, economia baseada no sistema de troca e sustento por meio de agricultura e pastoreio.

Apresenta-se a religião, que consiste em culto aos antepassados e no panteão dos deuses residentes no Monte Olimpo, os heróis divulgados nos poemas de Homero e a sistematização de mitos e lendas gregas por Hesíodo.

Em seguida, estuda-se a organização política e o início da formação da *polis*. Destacam-se duas cidades gregas: Atenas e Esparta; a primeira, progressista, intelectualista, cosmopolita, comercial, marítima; a segunda, militarista, agrária, conservadora, sem preocupações com a cultura, mantendo contatos mínimos com os povos de fora do Peloponeso.

Explicita-se que Atenas passou por várias fases políticas: monarquia aristocrática, oligarquia aristocrática, oligarquia plutocrática, tirania e democracia; por outro lado, Esparta mantinha uma oligarquia hereditária, com autoritarismo (LOPEZ, [197-]).

De acordo com Chauí (2003), determinadas condições históricas contribuíram para o surgimento da filosofia na Grécia, no final do século VII e início do século VI a. C.: as viagens marítimas, a invenção do calendário, da escrita alfabética, da moeda e da política e o surgimento da vida urbana.

Assim é que os mitos foram, gradativamente, substituídos

pelo pensamento racional; desenvolveu-se a capacidade de abstração no tocante ao tempo, à moeda e aos signos alfabéticos; a democracia permitiu e incentivou o cidadão a expressar-se em público, favorecendo o discurso tanto político quanto filosófico e a filosofia foi se articulando com outros saberes, em especial, o científico.

Costuma-se dividir a filosofia clássica, ou grega, em quatro períodos: pré-socrático (século VII ao V a. C.), socrático (final do século V até o século IV a. C.), sistemático (final do século IV até o século III a. C.) e helenístico (final do século III a. C. até o século VI d. C.).

No primeiro, também chamado de período cosmológico, a preocupação dos filósofos era com o cosmos e as transformações da natureza. Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo, advogava que tudo era feito de água; Anaximandro acreditava que a terra flutuava no espaço; Pitágoras defendia a matemática e a geometria na estrutura do universo; Heráclito afirmava que a natureza estava em um fluxo contínuo; Empédocles dizia que a terra era uma bola; Leucipo e Demócrito criaram a teoria da existência de minúsculas partículas indivisíveis – os átomos (OSBORNE, 1998).

Dessa maneira, as indagações dos primeiros filósofos excluía os mitos e adentravam na ciência; tais concepções foram pioneiras das ideias científicas que seriam formuladas, reformuladas, revisadas, debatidas e analisadas nos séculos e milênios seguintes.

O período socrático, ou antropológico, foi marcado pela investigação sobre a presença do homem no mundo. O cidadão ateniense participava ativamente da vida da *polis*, discutia os problemas políticos e sociais – para tanto, necessitava aprimorar a arte da persuasão.

A esse mister se prestavam os sofistas, que ensinavam como valer-se da oratória para defender seus pontos de vista sem a devida preocupação com a verdade, pois o importante era convencer por meio de discursos permeados de argumentações.

O sofista Protágoras, pragmático, achava ser o

conhecimento verdadeiro impossível de ser obtido, assim valia mais a pena defender uma ideia que tivesse alguma utilidade para o bem estar da *polis*. A seu turno, Sócrates, insatisfeito com o comportamento dos sofistas, priorizava a descoberta do justo, verdadeiro e bom. Valia-se da dialética e da lógica para enfatizar problemas éticos.

Segundo Osborne (1998, p. 18) “O objetivo da dialética e da ironia de Sócrates era desmascarar a falsa sabedoria e chegar a um conhecimento da natureza do homem.” Para isso, circulava na cidade indagando às pessoas o que pensavam sobre determinados assuntos, instigando reflexões sobre valores e crenças – isso não agradou, em absoluto, os detentores do poder em Atenas, pois os jovens se constituíam em público assíduo do filósofo, e, portanto, perigo potencial para a classe dominante. Por esse motivo, foi condenado à morte com um cálice de cicuta (veneno extraído de determinada planta venenosa).

Homens morrem, mas ideias permanecem. Seu discípulo mais fiel, Platão, divulgou o pensamento socrático na *Apologia* (em que registrou o julgamento de Sócrates e sua defesa) e em vários diálogos em que Sócrates atua como personagem. Credita-se a Platão a teoria das ideias: um mundo de formas, perfeito, distinto do mundo material. Platão usou a alegoria da caverna para ilustrar como os sentidos enganam o ser humano, que vive nas sombras até ser resgatado pela racionalidade.

Já o período sistemático teve como principal expoente Aristóteles, que, contrariando Platão, admitiu como um grau do conhecimento as percepções sensoriais:

Sem desconfiar dos nossos sentidos, Aristóteles contava com eles na busca da evidência para apoiar suas teorias. Ao estudar o mundo natural, ele aprendeu que, ao observar as características de cada exemplo de planta ou animal, específico, podia construir um retrato completo sobre o que o distinguia de outras plantas e animais. Tais estudos confirmaram o que Aristóteles já acreditava: não nascemos com capacidade inata para reconhecer formas, como defendia Platão. (O LIVRO..., 2011, p. 59).

A grande contribuição de Aristóteles para a filosofia e a ciência foi sistematizar o conhecimento. Eis como procedeu: classificou os campos do saber partindo da diferença entre ação e contemplação.

Dessa feita, as ciências foram divididas em produtivas, práticas e teóricas ou contemplativas. Na primeira categoria se incluem a arquitetura, economia, medicina, as artes em geral; em resumo, tudo o que produza algo para o usufruto do homem.

Na segunda categoria estão a ética e a política, ações racionais que visam o bem da pessoa que as executa, e se estendem ao bem da coletividade. Na terceira categoria se enquadraram a física, biologia, meteorologia, psicologia, matemática, astronomia, metafísica e teologia – o estudo das coisas criadas e do criador.

Segundo Zingano (2002, p.110) “Com Platão e Aristóteles, a Ciência, essa nova atitude intelectual, ganhou carta de alforria: ela foi civilizada, pensada, refletida.” Isso implica dizer que os dois filósofos foram o ponto de partida para a racionalidade, tão cara ao pensamento científico moderno.

Cabe lembrar que até 362 a. C. o mundo grego, conquanto estivesse dividido por lutas internas, ainda mantinha alguma força política. Com a invasão Filipe II e de seu sucessor, Alexandre Magno, passou a fazer parte do Império Macedônico; com a morte de Alexandre e a cisão de seu império, a cultura grega fundiu-se com a cultura oriental. E, em 146 a. C., foi conquistada por Roma (LOPEZ, [197-]).

Os romanos não tinham pretensões filosóficas nem se preocupavam com a teologia; deixavam isso a serviço dos povos subjugados, em especial aos gregos.

É sob o jugo romano que se desenvolveu o chamado período helenístico. Impedidos de atuar na política, os gregos se voltaram para a física, a ética e a teologia.

Assim, o estudo incidiu sobre a dependência ou não da natureza e do homem a Deus. Desenvolveram-se sistemas filosóficos conhecidos como ceticismo, epicurismo, estoicismo e neoplatonismo.

Para os céticos, a verdade era inacessível; os epicuristas, por achar que os deuses não se preocupavam com a raça humana, defendiam a procura pela amizade e contemplação estética; os estoicos acreditavam que cabia ao homem aceitar os infortúnios, durante sua vida, com coragem e indiferença; os neoplatônicos tentaram acomodar teologia com filosofia.

No período helenístico merece destaque Galeno (médico, escreveu a primeira anatomia); Aristarco (astrônomo, afirmou que a terra movia-se em torno do sol); Arquimedes (sábio, inventou a alavanca, a roldana e as rodas dentadas), Eratóstenes (bibliotecário, filósofo, astrônomo e matemático, calculou a circunferência da terra).

E sob o domínio romano nasceu Jesus Cristo, durante o governo de César Augusto e perto do fim do reinado de Herodes, o Grande, sobre a Judeia. O cristianismo primitivo, iniciado com Jesus e seguido pelos apóstolos, era um modo de vida.

Assim, os cristãos aceitavam a Bíblia como a Palavra de Deus, não celebravam feriados nacionais, não adoravam o imperador nem os deuses romanos e, por esses motivos, eram perseguidos. Entretanto, com a morte do último apóstolo, João, o cristianismo original foi aos poucos perdendo sua pureza e mesclando doutrinas bíblicas com a filosofia greco-romana.

Com a ascensão de Constantino ao poder, por volta do ano de 312, o cristianismo deixou de ser a fé de uma minoria oprimida; foi adaptado de modo a tornar-se religião oficial do Império Romano. Ambicioso, aspirando ao poder supremo, Constantino acreditava que impondo uma religião conseguiria unidade no Império.

Para tanto, tomou como encargo uma questão que dividia os teólogos da época: a unidade ou não de Deus e Jesus. No Concílio de Nicéia, em 325, impôs a crença de que Jesus era da mesma substância do Pai. Aos que seguiam Ário de Alexandria, o qual defendia que Jesus não compartilhava da divindade do Pai, restava o exílio.

Então, para ganhar a aprovação de Constantino, os bispos ajustaram suas crenças e com isso receberam benefícios, entre

eles a isenção de impostos e patrocínio para suas empreitadas (GRANDES ..., 2000).

Dessa forma, desenvolveu-se a filosofia patrística (século I ao VII), um amálgama entre religião e filosofia, pois assimilou o neoplatonismo. Além disso, o cristianismo foi sendo diluído pela inserção de conceitos de outros cultos além dos greco-romanos, como os persas e os egípcios - por esse motivo, não só o misticismo proliferou na patrística como também a ideia de uma trindade de deuses.

Destacam-se, na filosofia patrística, Orígenes, considerado um dos primeiros teólogos da cristandade e Agostinho de Hipona, bispo de Cartago.

Orígenes interpretou a Bíblia como uma alegoria; procurou conciliar a filosofia de Platão com o cristianismo. Já Agostinho de Hipona defendia o neoplatonismo como necessário ao novo cristianismo; preocupou-se com a noção de pecado, livre-arbítrio e tempo; suas obras mostram análises éticas e metafísicas sobre filosofia e teologia. (BLACKBURN, 1997).

Justamente pela junção dos pensamentos cristãos e dos pensamentos dos filósofos gregos, em especial Platão, diz-se que, com a patrística o que se desenvolveu não foi o cristianismo, mas a cristandade.

Embora alguns historiadores insiram a patrística e a renascença na filosofia medieval, Chauí (2003) faz uma divisão diferente: registra que a filosofia medieval começa no século VIII e termina no século XIV, seguida pela filosofia da renascença que compreende o período do século XIV ao XVI e é dessa forma que é apresentada nessa disciplina.

A filosofia medieval configurou-se como uma mescla de pensadores de origem romana, germânica, árabe e judia. O Império romano ainda exercia controle sobre a Europa, mas após sua queda a igreja assumiu poderes estatais.

Desenvolveu-se a teologia influenciada pelas ideias aristotélicas, em parte devido a pensadores orientais, tais como Avicena e Averróis, pois a cultura muçulmana começava a influenciar o mundo ocidental.

Avicena fez uma releitura de Aristóteles, admitindo, como este, “a ideia de que o universo sempre existiu”, mesmo sabendo que “ela entrava em conflito com a ortodoxia islâmica”, mas discordando do filósofo no tocante à questão mente e corpo, haja vista que “Aristóteles afirmava que o corpo e a mente dos humanos (e outros animais) não são duas coisas (ou ‘substâncias’) diferentes, mas uma unidade” e “Avicena foi um dos mais famosos dualistas da história da filosofia.” (O LIVRO..., 2011, p.76, 77).

Averróis “acreditava, como mais tarde Aquino, que a existência de Deus podia ser provada somente pela razão” e, como Aristóteles, “opunha-se à imortalidade da alma.” (OSBORNE, 1998, p. 53, grifo do autor).

Assim, adentrando na área da filosofia da religião, tais ideias foram incorporadas à escolástica, filosofia ensinada nas escolas no período medieval. As traduções do árabe para o latim de seus escritos sobre medicina, psicologia e metafísica contribuíram para a disseminação dos pensamentos aristotélicos vistos sob uma nova óptica.

Essa nova visão foi compartilhada pelos europeus Tomás de Aquino (frade dominicano considerado o mais famoso filósofo e teólogo medieval) e Guilherme de Ockham (considerado o maior dos lógicos escolásticos), entre outros.

Tomás de Aquino acreditava “na narrativa da criação por fé, mas afirmava que alguns elementos da fé cristã, podiam ter demonstração racional”, e que “a Bíblia e a razão não precisam estar em conflito.” (O LIVRO..., 2011, p. 92, 93).

Cabe a ele a distinção entre razão e fé e a sustentação de um cristianismo aristotélico em oposição ao cristianismo neoplatônico.

Guilherme de Ockham “tentou trazer novamente mais rigor para o estudo da lógica”, pois “achava que *Aristóteles* havia sido mal compreendido por muitos e que por isso a lógica e a teoria do conhecimento acabaram dominadas pela metafísica e pela teologia”; para ele a lógica é “a análise de termos científicos, ao passo que a ciência é sobre coisas.” (OSBORNE, 1998, p. 60,

grifo do autor).

Ressalta-se que Ockham, com suas ideias acerca da necessidade de diminuir o papel da igreja na política, contribuiu para a passagem do pensamento medieval ao pensamento renascentista e ao movimento reformista na religião.

Do século XIV ao XVI desenvolveu-se a filosofia da renascença, que aproveitou as obras dos árabes e teólogos europeus e redescobriu Aristóteles e Platão. A renascença vivenciou um período de progresso tanto econômico quanto social, presenciou a ascensão da classe burguesa, o crescimento da vida urbana, a invenção e desenvolvimento da imprensa e valorizou a condição do ser humano.

Segundo Lopes ([197-], p. 73), o renascimento “substituiu a cosmovisão teocêntrica, religiosa e espiritualista por uma cosmovisão humanista, laica, naturalista.”

Pode-se citar como expoentes do pensamento renascentista Nicolau de Cusa (cardeal alemão) e Maquiavel (político florentino).

Nicolau de Cusa “expõe ‘uma teologia negativa’, na qual uma concepção neoplatônica do cosmo torna sua natureza inteiramente incognoscível”; em “cosmologia, foi um dos primeiros pensadores a negar a teoria geocêntrica do universo, e a afirmar a natureza ilimitada do universo.” (BLACKBURN, 1997, p. 266).

Segundo Nicolau de Cusa, Deus é o Não outro, uma vez que não possui substância e está além da compreensão humana; dessa forma, aproximou-se do pensamento de Platão sobre o Bem ou o Uno, pois afirmava a precedência de Deus sobre a criação.

A seu turno, Maquiavel “não tentou trazer Deus para o seu pensamento, a não ser para salientar que fingir-se de piedoso era bom para manter o povo feliz”, tinha mais interesse no poder da política e “em como obtê-lo, mantê-lo e usá-lo”; no livro *O Príncipe*, Maquiavel “sustentava que um mundo corrupto precisava de um governo forte ou, em outras palavras, um ditador.” (OSBORNE, 1998, p.66).

O cinismo, a rejeição da moralidade cristã, a concepção de

virtude dos príncipes como sendo virilidade e sucesso, a ideia de que os fins justificam os meios, transformou o termo *maquiavélico* em sinônimo de ardiloso, astuto e perverso.

Lembra Chauí (2003, p. 48) que, na renascença, a “efervescência cultural e política levou a críticas profundas à Igreja Romana, culminando na Reforma Protestante, baseada na ideia de liberdade de crença e de pensamento.”

Essa ebulição cultural, política e religiosa causou profundas modificações no pensamento filosófico europeu; a teologia cedeu lugar à razão – o homem, entendido como sujeito racional, reflexivo, deve questionar se é possível o conhecimento verdadeiro; precisa conhecer-se a si mesmo e conhecer a natureza.

Esse pessimismo teórico, também chamado de ceticismo, é o marco da filosofia moderna (século XVII a meados do século XVIII), denominada era de Grande Racionalismo: a razão daria conta, mediada pelo sujeito do conhecimento (o intelecto), de compreender o corpo e as emoções humanas, a natureza externa ao ser e à política (CHAUÍ, 2003).

Destacam-se, nesse período, filósofos tais como René Descartes (considerado o pai da filosofia moderna) e John Locke (empirista).

Descartes “começou impregnado de ceticismo, mas desejava realmente ter certeza de alguma coisa”; isso o conduziu a “rejeitar tudo o que aprendera e a procurar uma base de certeza em suas próprias faculdades racionais; Deus, a Igreja, Aristóteles, todos os filósofos anteriores” e “até a literatura antiga foram rejeitados na procura de princípios racionais que permitissem a construção de um sistema seguro de conhecimento.” (OSBORNE, 1998, p. 76).

Descartes merece o crédito pela invenção da geometria coordenada, da dúvida metódica, e do famoso axioma “penso, logo existo” – que foi sua primeira certeza.

Locke, ao contrário de Descartes, advogou a experiência como fator-chave para a obtenção do conhecimento humano. Assim, discordava da ideia de que o ser humano nascia com conhecimento inato. Para ele, as ideias provenientes dos sentidos e

as provenientes da reflexão somente são adquiridas pela experiência.

Conquanto “rejeitasse a doutrina das ideias inatas”, Locke “não refutou o conceito de que os seres humanos têm capacidades inatas”, ou seja, “a percepção e o raciocínio”; dessa feita “por meio da análise detalhada das faculdades mentais do homem, buscou definir os limites exatos do que é cognoscível.” (O LIVRO..., 2011, p. 133).

O período filosófico seguinte é chamado de filosofia da ilustração ou Iluminismo (final do século XVIII e início do século XIX). Permanece a crença na razão como forma de obter liberdade, felicidade, progresso social, político e científico.

Segundo Chauí (2003, p. 50) nessa época “há grande interesse pelas ciências que se relacionam com a ideia de transformação progressiva e, por isso, a biologia terá um lugar central no pensamento ilustrado, pertencente ao campo da Filosofia da Vida.”

Paralelo ao interesse pela biologia, surgem questões sobre a vida social e política, que envolvem preocupações acerca da produção da riqueza advindas da agricultura e do comércio. Na Grã-Bretanha os pensadores influenciaram a Revolução Industrial; na França, a Revolução Francesa; o idealismo alemão iria influenciar todo o século XIX. Pode-se citar, desse período, David Hume e Immanuel Kant.

Hume, assim como fizera Locke, era contrário à noção de ideias inatas. Inovou, entretanto, no tocante à inferência indutiva “nossa capacidade de inferir coisas a partir de evidência passada”, ou seja, “ao observarmos um padrão constante, inferimos que ele vai continuar no futuro, assumindo tacitamente que a natureza continuará a se comportar de maneira uniforme.” (O LIVRO..., 2011, p. 152).

Em outras palavras: o hábito age como guia na vida humana. Seu raciocínio indutivo contrariou, assim, o racionalismo, uma vez que o hábito substitui a razão no tocante ao conhecimento.

Kant é considerado o fundador da filosofia crítica; na

Crítica da razão pura, também conhecida como a *primeira Crítica*, trata das categorias usadas no pensamento; na *Crítica da razão prática* ou *segunda Crítica*, advogou, como merecedores de temor e admiração à mente, o céu e a lei moral dentro de nós; na *Crítica da faculdade do julgar*, ou *terceira Crítica*, “confronta a dificuldade de tornar objetivos os juízos estéticos.” (BLACKBURN, 1997, p. 214, 215).

Valendo-se da abordagem do idealismo transcendental, adentrando na metafísica, Kant abordou conceitos sobre tempo e consciência, espaço e substância, preocupando-se, sobretudo, com os problemas enfrentados pela ciência em relação ao entendimento sobre o mundo exterior ao homem. Suas ideias continuam inspirando os filósofos contemporâneos.

A filosofia contemporânea iniciou-se em meados do século XIX. Acompanhada de grande progresso científico, guerras e revoluções, preparou o caminho para a Pós-Modernidade.

Lembra Van Doren (2012, p. 280) que “O século XIX testemunhou a descoberta de novas fontes de energia, como o petróleo e a eletricidade” e “exultou com novos aparelhos de comunicação em escala mundial e global, tais como o telégrafo e o telefone”; além disso, a “literatura popular e o jornalismo exigiram uma alfabetização universal em alguns países desenvolvidos”; também, as estradas de ferro começaram a unir “comunidades que tinham estado separadas durante séculos e criando novos conceitos sociais que destruíam outros.”

Essas mudanças trouxeram como consequência: a valorização do dinheiro; a ascensão no mercado de trabalho; a preocupação com a cultura, o proletário e o escravo; o desenvolvimento de novas formas de energia; o estudo das guerras e do inconsciente.

Destaca-se, no final do século XIX, Karl Marx, que estudou e publicou a respeito da política e da economia; e, no início do século XX, Sigmund Freud, que voltou sua atenção para o psiquismo.

De acordo com Chauí (2003, p. 53) “Marx descobriu que temos a ilusão de estarmos pensando com nossa própria cabeça e

agindo por nossa própria vontade de maneira racional e livre”, mas isso é um engano, pois “desconhecemos as condições econômicas e sociais nas quais a classe social que domina a sociedade exerce seu poder sobre a mente de todos”, e chama esse poder de “ideologia.”

A seu turno, Freud “mostrou que os seres humanos têm a ilusão de que tudo quanto pensam, fazem, sentem e desejam, tudo quanto dizem ou calam estaria sob o pleno controle de nossa consciência”, pois “desconhecemos a existência de uma força invisível”, um poder “que atua sobre nossa consciência sem que ela o saiba”, o qual nomeia de “inconsciente.” (CHAUÍ, 2003, p. 53).

Ressalta-se que enquanto Marx chocava a burguesia com sua teoria sobre o comunismo, Freud a chocava apresentando a sexualidade humana desde a infância. Mas, cada um no seu campo de conhecimento, abriu caminho para maiores investigações futuras, seja a respeito da influência do capitalismo, seja a respeito da passagem da consciência ao inconsciente.

E chega-se, enfim, aos dias atuais, conhecidos como Pós-Modernidade. No final do século XX o ser humano passa por uma crise de valores tal como nunca vista antes. Desligando-se dos mitos, desacreditando na religião, perdendo a confiança na ciência para resolver todos os problemas, a humanidade entra em uma fase de profunda insegurança e desilusão.

Destaca-se, nesse período Jean-François Lyotard (com a ideia de que o conhecimento é produzido para ser vendido).

Lyotard condena o marxismo (que considera uma metanarrativa) e mostra-se cético em relação ao conhecimento científico para produzir justiça social, uma vez que não se volta para a verdade, mas para a comercialização.

Dessa feita “o conhecimento torna-se um produto” e “Lyotard alertou que, uma vez que isso comece, as corporações privadas podem começar a tentar controlar o fluxo do conhecimento” o que implica dizer: serão elas que decidirão “quem pode acessar qual tipo de conhecimento e quando.” (O LIVRO..., 2011, p. 299).

Esclarecendo: Lyotard pesquisa a transformação que os computadores exercem sobre nossas atitudes e nossa vida.

Candido (2013) destaca quatro movimentos do mundo contemporâneo:

- a) uma vez que o conhecimento passou à condição de principal bem da sociedade, a filosofia tem participado da vida social;
- b) a cultura escrita, alavancada pelas tecnologias de comunicação, propicia o diálogo;
- c) a transdisciplinaridade cruza os campos de conhecimento e remete à reflexão filosófica;
- d) a questão ambiental tem sido objeto de estudos para a subsistência da vida humana e se configura como uma nova preocupação filosófica.

A respeito do último movimento, Zilles (2004, p.117) indaga: “até que ponto a sociedade é capaz de usar seus novos conhecimentos de tal maneira que não prejudiquem a vida de toda a população de hoje, das gerações futuras, sem agredir o ecossistema?” E conclui: “Neste mundo novo da tecno-ciência, muitas teorias, também filosóficas, se esgotam, e a ciência, por si, não produz normas éticas. Mas sem elas o mundo se tornará desumano.” (ZILLES, 2004, p. 121).

Essa desumanidade se manifesta pela constatação e indignação de que a liberdade não é absoluta, o que gera solidão e individualismo, desperdício de tempo e bens de consumo; por sua vez, as incertezas sobre o futuro conduzem à urgência de viver ao máximo o presente, causando rompimento de relações afetivas e comprometendo as relações profissionais. Esse é o mundo em que vivemos.

4 CONCLUSÕES

Até que ponto os alunos se sentiram motivados a participar do debate de todos esses tópicos no decorrer da disciplina? Terão

sido estimulados pela professora? Formaram habilidades específicas para lidar com os conhecimentos filosóficos e científicos como recurso para compreender a sociedade e nela inserir-se?

Para uma avaliação dessa natureza, seria suspeita a fala da professora. Assim, foi selecionada a turma que cursou a disciplina CIN 7106, no primeiro semestre de 2013. Seguem alguns depoimentos:

Posso dizer que comecei a gostar de filosofia na faculdade e não no ensino médio. A forma como a professora conduziu as aulas me fez ter mais interesse sobre os assuntos e também me fez querer participar das aulas, já que geralmente eu prefiro ficar quieta e não expor as minhas opiniões. Os textos que a professora disponibilizava para os alunos eram de fácil entendimento, e às vezes, até prazeroso de serem lidos. Só tenho a agradecer pelo modo ótimo como a professora conduziu a turma e pelo aprendizado que tive nessa matéria. Com certeza me fez ter uma visão diferente daquela filosofia que eu achava chata no ensino médio. (Aluno A)

A disciplina Evolução do Pensamento Filosófico e Científico foi prazerosa desde seu início até o fim do semestre. Mesmo tratando de assuntos filosóficos e científicos que exigem uma compreensão, uma dedicação e até mesmo uma sensibilidade por parte do aluno para que o assunto seja compreendido de forma eficaz, a professora utilizou várias ferramentas didáticas para repassar esse conhecimento, cujo resultado me pareceu favorável. Foi muito bom ter essa aula que desde seu início me deu muita alegria por tratar de assuntos que pareciam tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos da realidade do mundo contemporâneo, no qual o homem sempre está buscando compreender a sociedade no qual está inserido. Outro fator importante para o sucesso desta disciplina foi a forma como foi passado esse saber. A professora mediava esse conhecimento com tanta alegria, respeito e carinho que acabava me envolvendo,

assim como outros colegas, a participarmos sempre dos debates, seminários, leituras e de outras tarefas a respeito dos fundamentos filosóficos e científicos. No decorrer do semestre eu já tinha uma ideia do que significava a filosofia e o quanto todos nós filosofamos no dia a dia e em toda parte; como também a importância do conhecimento adquirido nessa disciplina que me auxiliará como futuro profissional da arquivologia. (Aluno B)

Ao observar que no Curso de Arquivologia teria a disciplina de Filosofia, pensei: “lá vem mais uma surpresa, um professor maluco; mais um curso superior que abandonarei por causa da filosofia.” Quem disse que o professor não faz o aluno gostar ou não da disciplina? Abandonei um curso de graduação devido a um professor de filosofia. Depois disso, criei aversão à filosofia. E que surpresa agradabilíssima ao ter aulas com essa professora; passei a olhar com outros olhos a disciplina. Uma professora que além de dominar os assuntos abordados, deixava que os alunos expressassem suas ideias. Fiquei impressionado com uma professora, doutora, ser tão humilde e humana. Professora dedicada à instituição e aos alunos. Professora com tamanho conhecimento e com uma didática fantástica. Obrigado, professora, por me fazer “aceitar” a disciplina de filosofia. (Aluno C)

Quando fomos consultados sobre a disponibilidade de prestarmos nosso depoimento sobre a disciplina Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, não houve a menor dúvida quanto a contribuir. Falar sobre a alegria de ter sido sua aluna é simples. Estivemos durante o primeiro semestre [de 2013] na companhia de uma professora comprometida e dedicada aos seus alunos e ao conhecimento que transmitia. Com toda a sua educação e seu jeito meigo de lidar com todos, aprender com ela a pensar a nossa profissão e as questões voltadas ao nosso dia a dia, por meio da filosofia, me faz agradecer os ensinamentos compartilhados em cada aula, o aprendizado obtido, e por ter evoluído com a turma por meio da vivência com a professora e

com essa disciplina. Tornei-me, com certeza, uma aluna melhor e uma pessoa mais completa. (Aluno D)

Fico muito feliz em deixar aqui meu depoimento sobre a disciplina CIN 7106 ministrada pela senhora, principalmente por ter sido uma das aulas que mais me agradaram até agora na minha graduação de arquivologia. Eu já tinha feito cadeiras de filosofia na minha graduação de história, e sei muito bem como a matéria pode ser maçante e cansativa, algo que não ocorreu no nosso semestre, por puro mérito da professora. O conteúdo escolhido trazia curiosidades que mantinham as aulas interessantes e o trabalho final foi muito bem formulado, afinal, ao mesmo tempo em que se conseguia aprender o básico sobre a formulação de um texto acadêmico e suas normas, foi uma atividade prazerosa de se fazer, por o tema ser de nossa escolha e interesse. Mas o que mais me agradou e chamou a atenção na disciplina foi quanto interessantes e produtivos foram os debates. Esses muito bem conduzidos, com todas as opiniões recebendo a devida atenção e respeito, o que levou a todos quererem participar expondo suas reflexões. (A turma praticamente se atropelava na hora de falar, e eu não considero isso ruim, na verdade acho fantástico, afinal em minha opinião muito mais vale uma turma animada e participante do que uma turma apática e quieta. (Aluno E)

Disciplina agradável, super leve e interativa. Gostei muito de ler Era uma vez... Sartre X Merleau-Ponty¹. Recomendo. (Aluno F)

Professora, recordar suas aulas, Evolução do Pensamento Filosófico [e Científico], ministradas no Curso de Arquivologia da UFSC, no primeiro semestre de 2013, é o antídoto necessário para continuarmos acreditando. Foram momentos de ricas reflexões, as quais continuam a contribuir para o aprimoramento

¹ Artigo publicado na *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 341-348, jul./dez.2007.

à convivência neste espaço mágico acadêmico de descobertas e que ainda hoje são lembradas. Sinto-me um privilegiado em ter feito parte de um período de sua vida profissional, ter podido conhecer uma didática sem sombra de dúvida brilhante, num período dessa caminhada, em que os medos ficaram para trás. Como sugestão de leitura para ter um pouquinho de entendimento do relato feito, recomendo a todos que contemplem a leitura do artigo intitulado “Era uma vez... Sartre X Merleau-Ponty.” (Aluno G)

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2000.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

CANDIDO, Celso. **A filosofia hoje**. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/filosofiahoje.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GRANDES acontecimentos que transformaram o mundo. Rio de Janeiro; Reader's Digest Brasil, 2000.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História**. Porto Alegre: SAGRA, [197-]. O LIVRO da filosofia. São Paulo: Globo, 2011.

OSBORNE, Richard. **Filosofia para principiantes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.
Departamento de Ciência da Informação. **Programa de Ensino de CIN 7106: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico**.

Florianópolis, 2011.

VAN DOREN, Charles. **Uma breve história do conhecimento**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

ZILLES, Urbano. O caráter ético do conhecimento científico. **Revista da ADPPUCRS**, Porto Alegre, n. 5, p. 117-121, dez. 2004.

ZINGANO, Marco. **Platão & Aristóteles**: os caminhos do conhecimento. São Paulo: Odysseus, 2002. (Imortais da Ciência).

ANEXOS

Imagem 1: Turma de Meninos.



Fonte: Autoria é da respectiva turma, 2014.

Imagem 2: Turma de Meninas.



Fonte: Autoria é da respectiva turma, 2014.

DISCIPLINE EVOLUTION OF PHILOSOPHICAL AND SCIENTIFIC THOUGHT IN THE COURSE OF DEGREE IN ARCHIVAL SCIENCE AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA CATARINA

Abstract: Discipline CIN 7106- Evolution of Philosophical and Scientific Thought is part of curricular matrix of the undergraduate degree in archival science at the Federal University of Santa Catarina. Is offered, as a compulsory subject, students enrolled in the first phase of the course. This is the main historical forms of philosophical and scientific discourse in the Western world, as well as its policy makers. Part of Classical philosophy, pervades the Medieval, Modern and encompasses concludes with Contemporary philosophy. Stimulates the academic debate and reflection about the scientific and philosophical foundations to applicable professional practices Archivist.

Keywords: Western Philosophical Thought. Western Scientific Thought. Archival Science- Teaching.

Originais recebidos em: 23/04/2014

Aceito para publicação em: 03/06/2014

Publicado em: 20/10/2014